

**Jornalismo em transição:
história, funções e novas tecnologias – um olhar para a redação da Tribuna do
Norte¹**

Luiz Eduardo de Aquino²
Emily Gonzaga de Araújo³
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as transformações do jornalismo ao longo do tempo, com foco na diversificação das funções do jornalista e no impacto das tecnologias na prática jornalística. O que trazemos aqui foi extraído do trabalho monográfico de conclusão de curso, cuja problemática de pesquisa consistiu em compreender como o exercício da profissão e o papel do jornalista nas redações evoluíram. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, combinando revisão teórica e entrevistas em profundidade, realizadas na redação da Tribuna do Norte, veículo potiguar de comunicação, e incluindo visitas *in loco* para a observação direta do ambiente de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Funções do jornalista; Novas tecnologias; Redação; Tribuna do Norte.

**1. A FUNÇÃO DO JORNALISTA: UM OLHAR PARA AS REDAÇÕES E O
EFEITO DO TEMPO**

Somente no século XIX o jornalismo consolidou-se como uma profissão de tempo integral, permitindo que jornalistas pudessem sobreviver economicamente na Europa e nos Estados Unidos (Kunczik, 2001). Hohenberg (1981) observa que, com o passar dos anos e com o surgimento dos computadores, existiu uma queda de qualidade das matérias jornalísticas devido às novas tensões que batem à porta nas redações. Parte disso se dá devido à competição do jornal impresso com a televisão, mas também à necessidade de alguns jornais em manufaturar os materiais, exigindo publicar materiais custe o que custar, mesmo os de qualidade inferior (Hohenberg, 1981).

O autor defende que um dos problemas mais antigos em jornalismo é a necessidade de adaptar a apresentação de notícias a um dado espaço e tempo. Com o surgimento do jornalismo eletrônico, junto ao advento dos novos métodos de produção, “poucos redatores sentiram-se completamente seguros do seu trabalho” (Hohenberg,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação e Trabalho), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Bacharel em Jornalismo (UFRN). E-mail: luiz.aquino.080@ufrn.edu.br

³ Doutora em Estudos da Mídia (UFRN); Professora substituta do Decom/UFRN. E-mail: emily.araujo@ufrn.br

1981, p. 117), explicando que não basta aos redatores reconhecerem os seus editores e a sua audiência, saber o que deve ser comunicado e suas capacidades. Com o avanço da tecnologia, os jornalistas também devem saber dominar as máquinas (ferramentas digitais) e aprender as limitações sem sacrificar sua escrita ou estilo.

Na década de 1970, o avanço do capitalismo impulsiona uma aproximação entre o jornalismo e a publicidade, com o objetivo de maximizar lucros e tornar ambas as profissões mais atrativas para o público leitor (Marcondes Filho, 1984). O autor também observa que, no final do século XX, ocorre a “substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes e pelas formas interativas de criação, fortalecimento e difusão de informações” (Marcondes Filho, 2000, p. 30).

Dizard (2000, p. 254) contextualiza que as mudanças na mídia e comunicação não são repentinas, mas agora avançam em um ritmo cada vez mais acelerado, onde as tecnologias deixaram de ser fenômenos periféricos para se tornarem uma “força dominante que está remodelando o futuro das indústrias de mídia”. O autor reforça ainda que as inovações trazem efeitos previsíveis, acrescentando por um lado e subtraindo por outro.

Barbeiro e Lima (2013), no entanto, argumentam que as transformações tecnológicas refletiram e mudaram a estrutura do mercado de trabalho, onde os jornalistas, assim como outros profissionais, para conquistar melhores oportunidades, devem buscar a atualização constante e, até mesmo, conhecimento em áreas correlatas para agregar mais valor ao currículo. Isso também é resultado do jornalismo contemporâneo, que está cada vez mais industrializado, fruto do capitalismo emergente do final do século XX.

Ramonet (2013, p. 86) afirma que "nunca na história das mídias os cidadãos contribuíram tanto para a informação”, participando ativamente do processo informativo online ao contestar, complementar e debater o trabalho dos jornalistas, e muitas vezes com qualificação comparável. Esses internautas, que Ramonet (2013) chama de "neojornalistas", são vistos como "amadores-profissionais".

Com a adesão às novas tecnologias, discutir a profissão de jornalista coloca-nos em uma situação peculiar (Ramonet, 2013). Embora a internet tenha trazido novas possibilidades para os profissionais da comunicação, ela também contribuiu para a degradação da profissão. Ramonet (2013) aponta que, em países desenvolvidos,

qualquer pessoa pode produzir informação nas redes sociais, o que gerou uma multiplicação de potenciais "jornalistas". Esse aumento significativo banalizou o status da profissão, resultando em salários mais baixos para muitos jornalistas. Além disso, esse cenário tem provocado o fechamento de diversos jornais.

Barbeiro e Lima (2003) ressaltam as implicações práticas desse contexto de transformação digital para os profissionais da área. Segundo os autores, “os jornalistas trabalham mais pelo mesmo dinheiro, esgotam-se mais e estão mais sujeitos ao estresse e à estafa” (Barbeiro; Lima, 2003, p. 57). Essa pressão crescente para produzir conteúdo rápido e em grandes quantidades afeta não só a qualidade da informação, mas também o bem-estar dos jornalistas, que precisam conciliar a demanda por rapidez com a necessidade de manter padrões éticos e técnicos. O resultado é uma profissão em que, muitas vezes, o trabalho árduo não é recompensado adequadamente, contribuindo para um ciclo de desgaste e precarização.

Nicoletti (2019) argumenta que o mercado de trabalho jornalístico segue a mesma tendência de flexibilização, precarização e desemprego estrutural que caracteriza o mercado de trabalho em geral. Grisci e Rodrigues (2007, p. 48, *apud* Nicoletti, 2019, p. 36) destacam que, em meio a essa flexibilização, o tempo assume um papel central no jornalismo, modificando tanto as rotinas quanto às práticas nas redações. Entre os principais efeitos estão a redução e valorização do tempo de produção jornalística (o deadline), a extensão da jornada de trabalho e a dissolução das divisões entre diferentes funções.

A autora complementa essa visão ao observar que essa estrutura se consolidou especialmente a partir da convergência de dois fatores socioeconômicos: a introdução da internet nas redações, com o surgimento de meios de comunicação online, e a abertura econômica iniciada nos anos 1990, quando características do modelo toyotista passaram a influenciar o jornalismo (Nicoletti, 2019). Nesse sentido, ela reforça que essas mudanças impactaram diretamente o mercado de trabalho jornalístico, resultando na redução das equipes, no aumento das contratações temporárias (*freelancers*) e de profissionais como pessoa jurídica (PJ), além de intensificar o acúmulo de funções entre os trabalhadores.

Essa situação é reforçada por Nicoletti (2019), que contesta que muitos jornalistas tendem a trabalhar para mais de um veículo e acumulam funções dentro de empresas de mídia, além de atuarem fora dela, como no marketing.

Ao analisar a qualidade de vida dos jornalistas, Heloani (2003, p. 12) define o estresse “como o esforço despendido por determinado organismo, diante de determinada demanda externa, seja essa solicitação excessiva ou moderada, boa ou ruim”. Para ele, o estresse é um estado mental enfrentado cotidianamente pelos jornalistas, cuja principal causa é o fato de a atividade jornalística estar se tornando cada vez mais “informatizada” e regulamentada (Heloani, 2003).

2. AS MUDANÇAS NA REDAÇÃO DA TRIBUNA DO NORTE

A Tribuna do Norte (TN), um dos veículos de notícias mais longevos do Rio Grande do Norte, foi fundada em 1950, em Natal, pelo jornalista e futuro político Aluizio Alves (1921–2006). Inicialmente, a publicação surgiu como um jornal impresso, mas com o passar das décadas, diversificou-se, expandindo suas atividades para o ambiente digital, ampliando o seu alcance e se adaptando às novas demandas do jornalismo contemporâneo.

Hoje, a redação da Tribuna do Norte conta com uma estrutura hierárquica que inclui: Chefe de Reportagem (responsável pela pauta e alocação das equipes), Editores (que finalizam as pautas das Editorias: Natal, Política, Esportes, Economia e Comportamento), e Repórteres (com atuação conforme a demanda; apenas a Editoria de Política conta com um repórter fixo).

A jornalista Margareth Grilo, 56 anos, formou-se pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 1990. Sua trajetória na Tribuna do Norte começou como estagiária, em 1989, e, após cerca de um ano e meio, foi efetivada no jornal. Desde então, ela acumula mais de três décadas de experiência, atuando em diferentes períodos e ocupando diversas funções, sempre acompanhando de perto as transformações tecnológicas que impactaram o jornalismo e o funcionamento do próprio jornal.

Margareth trabalhou na Tribuna do Norte em três períodos distintos: de 1989 a 1995, de 1997 a 2002, e de 2009 até os dias atuais. Em 2009, quando retornou ao jornal pela terceira vez, assumiu a posição de Chefe de Reportagem, onde coordenava a pauta e supervisionava as equipes até 2012. Neste ano, com uma reestruturação interna, a

redação reduziu a função de chefia para apenas um cargo, ela foi nomeada Repórter Especial, cargo que exerceu por aproximadamente um ano.

Grilo relembra que, ao ingressar no jornal em 1989, a redação era “gigante”, com uma equipe de 15 repórteres divididos em editorias: 12 para "Cidades", 2 para "Política" e 1 para "Economia". Embora a estrutura de cargos não tenha sofrido grandes alterações, novos postos surgiram e outros foram adaptados, especialmente após a reforma gráfica de 2002, que reduziu o tamanho do *stand* devido a um novo formato de papel adotado pela indústria. Nesse contexto, foi criado o cargo de Secretário de Redação (hoje conhecido como Editor Executivo), cuja função era supervisionar todo o processo de produção e apuração.

Entre os cargos descontinuados, destacam-se o de infografista e linotipista, resultado do investimento crescente no ambiente digital, ampliando as oportunidades para a *Tribuna* expandir sua presença online. Na Tribuna, a ausência de designers na redação exige que os próprios jornalistas assumam a criação de artes e infográficos para complementar suas matérias. Utilizando ferramentas como o Canva, eles conseguem desenvolver visualizações rápidas e práticas.

O uso de Inteligência Artificial (IA) também já é uma realidade na Tribuna. Esse cenário aponta para uma fragmentação na prática jornalística, onde algumas redações priorizam a capacitação e a integração responsável da tecnologia⁴, enquanto outras parecem adotar um uso mais indiscriminado, potencialmente prejudicando a confiança do público no jornalismo como um todo. Essa disparidade reflete questões modernas e complexas para a profissão, como o impacto das novas tecnologias na autonomia dos jornalistas, a padronização da informação e os limites éticos na produção de conteúdo automatizado (Heloani, 2003).

A reflexão, então, se amplia para o papel dos veículos de comunicação em estabelecer parâmetros que valorizem o trabalho humano, mesmo em um ambiente digital cada vez mais competitivo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho confirmou que as transformações tecnológicas estão configurando o jornalismo, exigindo dos profissionais a adaptação a novas funções e ferramentas. A

⁴ Na Tribuna do Norte, essa abordagem tem sido adotada como parte de sua estratégia para a integração ética e responsável da Inteligência Artificial no jornalismo.

pesquisa revelou que, embora o jornalismo se torne mais multifacetado, sua essência — a busca pela verdade e a ética na mediação da informação — continua insubstituível. No entanto, o estudo também apontou desafios, como a precarização das condições de trabalho e a sobrecarga devido às pressões do mercado. A análise da Tribuna do Norte mostrou que a digitalização e a reconfiguração das redações são necessárias para a modernização. Por fim, destaca-se a necessidade de um uso ético das tecnologias e a importância da adaptação contínua para garantir a relevância do jornalismo em um futuro incerto, porém repleto de oportunidades.

REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de jornalismo para rádio, tv e novas mídias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- DIZARD JR, Wilson P. **A Nova Mídia: A comunicação de massa na era da informação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. 2005. Disponível em: <<https://pesquisa-eaesp.fgv.br/publicacoes/gvp/mudancas-no-mundo-do-trabalho-e-impactos-na-qualidade-de-vida-do-jornalista>>. Acesso em: 21 abril. 2025.
- HOHENBERG, John. **O Jornalista Profissional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo: A Saga dos cães perdidos**. 1. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MARCONDES, Ciro Filho. **Imprensa e capitalismo**. São Paulo: Kairós, 1984.
- MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, Poder e Contrapoder: da Concentração Monopólica à Democratização da Informação**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise**. 2019. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_ec5842f96c59b04032f363e064d51d98>. Acesso em: 21 abril. 2025.